



A inflação e seu custo

Ao custo de 12 milhões de empregos formais e da mais brutal recessão da história recente do Brasil, iniciada no governo de Dilma Rousseff e aprofundada sob Michel Temer, a inflação em 12 meses ficou abaixo do teto da meta, de 6,5% ao ano. Fechou em 6,29% no acumulado de janeiro a dezembro. Na quarta-feira 11, o Banco Central reduziu a taxa de juros em 0,75 ponto porcentual. Os juros nativos ficaram um pouco menos indecentes: 13% ao ano.

ISAC NÓBREGA/PR

Poder/ Sob o céu de Lisboa

Como classificar a viagem de Gilmar Mendes e Michel Temer para os funerais de Mário Soares? E uma tardia correção dos fatos

A indignação dos “homens de bem” esvaiu-se após o *impeachment* de Dilma Rousseff. Pouca gente incomodou-se com o fato de o ministro Gilmar Mendes, que tem sob sua mesa no Tribunal Superior Eleitoral o processo contra a chapa Dilma-Temer, ter aceito carona no avião presidencial para ir ao funeral de Mário Soares, estadista português morto no sábado 7. Juiz e investigado irmanados no trajeto sobre o Oceano Atlântico? Imagine os protestos em outros tempos.

Mendes, que faz e fala o que quer, recorreu a uma desculpa esfarrapada. Viu no convite de Temer uma prova das “relações republicanas” entre dois poderes. O processo no TSE, afirmou, “é público e transparente”. Por conta de uma alegada labirintite, o ministro do Supremo não compareceu aos

funerais de Soares, razão oficial de sua viagem a Portugal à custa do contribuinte.

Para afastar as suspeitas sobre o convite de Temer, Mendes desmentiu uma história que ele mesmo havia fomentado durante o julgamento do chamado mensalão. À época, a revista *Veja* acusou o ex-presidente Lula de pressionar o ministro a trabalhar pelo adiamento do trâmite da ação penal no STF. Lula e Mendes reuniram-se no escritório do ex-ministro Nelson Jobim, que negou qualquer pressão do ex-presidente. Mendes calou-se. O texto da revista narrava detalhes que ou foram inventados ou assoprados por um dos participantes do encontro.

Agora, para se defender da acusação de parcialidade, Mendes declarou: “Estive com Lula várias vezes e ele nunca me pediu nada”. Um pouco tarde. E bem conveniente.

A Semana



Maggi vira réu

Blairo Maggi, alçado ao posto de ministro da Fazenda após apoiar o impeachment de Dilma Rousseff, tornou-se réu por supostamente integrar um esquema de compra de uma vaga no Tribunal de Contas de Mato Grosso. Maggi teria participado das negociações para convencer o conselheiro Alencar Soares Filho a se aposentar e abrir espaço para o então deputado estadual Sérgio Ricardo de Almeida. O esquema foi detectado durante as investigações da Operação Ararath, que apurou crimes de lavagem de dinheiro por meio de compras de imóveis em nome de laranjas.

O TRF fica em Porto Alegre, mas poderia ser em Curitiba



Justiça 1/ Moro está em casa

O Tribunal Federal da 4ª Região reafirma o estado de exceção

Os desembargadores do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, responsáveis por validar ou não as decisões do juiz Sergio Moro, aprovaram súmulas que autorizam a abertura de investigação com base em denúncias anônimas e a renovação sucessiva de interceptação telefônica, em caso de persistência da necessidade de apuração.

O uso de denúncias anônimas e a renovação automática de grampos eram dois dos principais pontos de contestação da defesa dos investigados pela Operação

Lava Jato. Advogados e juristas criticaram duramente a nova interpretação dos desembargadores. “A súmula que trata da denúncia anônima contraria orientação pacífica dos nossos tribunais no sentido de que denúncia anônima é um nada jurídico”, afirmou o criminalista Antônio Claudio Mariz de Oliveira.

Lembrete: a Operação Castelo de Areia, que investigava o pagamento de propinas da construtora OAS a tucanos e peemedebistas, foi anulada pelo Superior Tribunal de Justiça por valer-se de uma denúncia anônima.

Justiça 2/ QUEM SE LEMBRA DO MENSALÃO TUCANO?

DESEMBARGADOR BLOQUEIA OS BENS DO EX-GOVERNADOR EDUARDO AZEREDO

De tempos em tempos, em intervalos cada vez mais longos, aparece alguma notícia sobre o “mensalão do PSDB” em Minas Gerais. Soube-se agora que o desembargador Jair Varão, da 3ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça mineiro, determinou o bloqueio de bens do ex-governador Eduardo Azeredo por improbidade administrativa.

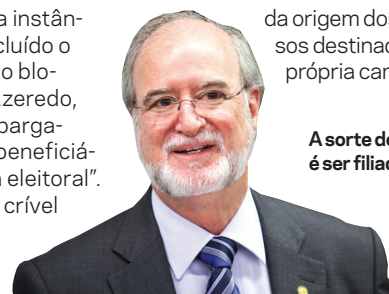
A ação apura os repasses de 3 milhões de reais de estatais mineiras para as agências de publicidade de Marcos Valério Fernandes de Souza. O dinheiro, segundo a denúncia, fez uma ponte nas agências de Souza antes de seguir para o comitê de campanha à reeleição de Azeredo. Nascia dessa operação a “tecnologia” mais tarde incorporada pelo

PT no plano nacional.

Varão reformou uma decisão de primeira instância que havia excluído o ex-governador do bloqueio de bens. Azeredo, anotou o desembargador, foi “o maior beneficiário da campanha eleitoral”. Não lhe pareceu crível que “o ocupante do cargo de

governador do estado à época” não estivesse “a par da origem dos recursos destinados à sua própria campanha”.

A sorte de Azeredo é ser filiado ao PSDB





A divulgação
do dossiê pegou
o presidente eleito
de surpresa

EUA/ 007 contra Trump

Uma trama digna de um romance
de espionagem. Ou de vídeo pornô

Na terça-feira 10, a CNN noticiou que “os chefes da inteligência apresentaram a Trump alegações sobre esforços russos para compromê-lo”. Durante a noite, o BuzzFeed violou a ética jornalística e divulgou o material sem verificá-lo.

O tom burocrático do dossiê de 35 páginas, segundo o qual Trump trocou favores e informações com a espionagem russa durante a campanha, é apimentado na primeira página com a alegação de que “seu comportamento (*de Trump*) em Moscou incluiu atos sexuais perversos arranjados e monitorados pela FSB” a serem usados pela agência russa para chantageá-lo. Como o evento teria incluído urofilia, o caso foi apelidado “showergate”.

O material vem de uma agência privada aparentemente a serviço de inimigos do presidente eleito, cuja principal fonte foi o ex-espião do MI-6 britânico Christopher Steele, sumido desde a divulgação de seu nome. John McCain apresentara o relatório ao FBI e insistira na sua importância.

Trump, furioso, culpou pelo vazamento os serviços de inteligência, cujo chefe, James Clapper, defendeu-se: o material circula há meses nos bastidores da mídia, não é do seu pessoal e “não faz julgamentos sobre sua confiabilidade”. Que não está acima de suspeitas: Michael Cohen, conselheiro de Trump ao qual foi atribuída uma reunião com russos em Praga, em agosto, tem testemunhas de sua visita a uma universidade dos EUA nos mesmos dias.

O momento do vazamento pareceu escolhido para constranger o presidente eleito em sua primeira entrevista coletiva, mas o episódio acabou usado por Trump para acusar a mídia de divulgar notícias falsas e recusar responder à CNN e a questões embaraçosas. O episódio mostra como o conflito interno em Washington é mais grave do que o imaginado e capaz de paralisar qualquer debate racional sobre política externa. Os EUA, após tantas intervenções no exterior, parecem a caminho de desestabilizarem a si mesmos.

Disputa casa a casa

O governo de Bagdá, aliado a milícias curdas e xiitas, diz ter retomado ao Estado Islâmico 70% da zona leste de Mossul e chegou às margens do Eufrates, que divide a cidade em duas. A batalha já custou de 2 mil a 4 mil vítimas de cada lado e pelo menos mil mortes civis desde meados de outubro. Mais de 135 mil civis fugiram da cidade e cerca de mil por dia continuam a abandoná-la. Tropas revistam casa por casa em busca de suspeitos de colaborar com os jihadistas. A derrota do Califado não garante a paz. O resultado pode ser sua fragmentação em grupos ainda mais imprevisíveis e brutais.

Enquanto isso, o governo da Líbia, logo após derrotar definitivamente o EI em Sirte, volta a se dividir, com a tomada de vários ministérios em Trípoli ao “governo de unidade” por rivais no Congresso.